

# Carta aos “Vendados Irmãos Brancos”

**João Antonio Prado Gonçalves Raia de Oliveira**

Caros Irmãos Brancos,

Venho, por meio desta, encarecidamente prestar algumas satisfações sobre o que eu fiz por crescer inserido na sua cultura, absorver sua história como ovelha mansa e como isso me fez pensar e agir em relação aos meus Irmãos Negros.

Para começo de conversa, eu sou um homem e fui ensinado a me identificar como homem e branco. Cresci em uma família pouco abastada, mas ainda dita tradicional, com ensinamentos ditos cristãos, ainda que não fosse. Fui ensinado em uma escola com parâmetros curriculares eurocêntricos, ainda que também não fosse. Fui doutrinado a acreditar que negros: eram pobres, porque não se esforçavam o bastante; que cheiravam mal, por falta de asseio; que tinham traços estéticos feios, porque não seguiam o padrão de beleza branca; que eram amaldiçoados, por serem imorais. Vejam bem, irmãos brancos: uma criança sendo bombardeada por preconceitos tão frequentemente e que não eram discutidos.

Alcançando essas estruturas, ao ganhar uma parcela de maturidade, fui apresentado a um novo conceito: raça. A raça que, aos meus olhos, era uma, transfigurou-se em várias. A raça que se apresentava humana, tornou-se branca, amarela, preguiçosos e escravos (com ênfase hierárquica na branca). Então, a partir da raça, houve o racismo. “Racismo não existe!”, eu ouvia sempre. “Preto é favelado, é escória, é sub-raça”, repetiam. “Os escravos só eram escravos, porque se vendiam”, declaravam ano após ano na escola. As informações eram tratadas de forma tão natural e corriqueira, que era um conhecimento comum a todos.

A frente disso, conheci, na universidade, um mundo mais amplo. O mundo onde os negros pobres coitados não conseguem alcançar, porque são inferiores. O mesmo mundo das injustas e racistas cotas raciais, onde “todos são iguais perante a lei”. Entretanto, para minha surpresa, caros irmãos brancos, na universidade tinha negros. Professores negros que contavam outras histórias. Contaram-me histórias sobre abusos e violências, sobre invasões e verdadeiros extermínios culturais. Imaginem vocês como tamanha foi minha surpresa ao descobrir que os europeus não faziam tráfico de escravos, mas sim sequestro e tráfico de pessoas negras que foram escravizadas. Como me chocou ao entender que povos inteiros foram exterminados em prol do lucro alheio e branco. Eu entrei em choque com minha própria identidade ao entender que meus caros irmãos brancos foram capazes de tantas atrocidades. Maior ainda foi o choque ao reconhecer que tenho ancestrais negros e que eles sofreram essa violência. Minha depressão ao cair em mim que minha divindade Iemanjá era a mesma mãe do povo que meus irmãos brancos massacraram. A pior parte foi quando eu entendi que estava reproduzindo diariamente o mesmo massacre, quando todos os dias acatava o senso comum de tudo que estava sendo idealizado para meus irmãos negros.

## Seção Treinel

As coisas ficaram complicadas, caros irmãos brancos. Eu tive vergonha da minha própria existência e falta de humanidade. Como pude estar tão cego ao que é notório e nocivamente repetido todos os dias? Como pude estar alheio às circunstâncias que meus irmãos negros foram submetidos por todos esses anos? Foi quando eu entendi: eu estive vendado por um tecido muito costurado por vocês, caros irmãos brancos. Uma venda tão bem feita que não me tapava os olhos, mas que me permitia ver muito bem pelas suas cores. Ou melhor, pela sua cor: Branca.

Devido ao acima exposto, Vendados irmãos brancos, que me disponho a escrever-lhes essa carta, pois tenho o dever de lembrá-los de suas vendas. Exatamente isso: lembrá-los! Porque essa venda é exposta, é sabida e não há necessidade para alertas de suas existências. A venda da branquitude é uma venda muito bem clara, não está oculta, porém suas costuras são feitas com esmero e por muitos séculos, de tal modo que ela se faz esquecer. Seus bordados foram tão bem calculados e esquematizados que nos trazem constantemente a ilusão de que sempre foi assim, mesmo tendo a consciência lógica do contrário.

Vendados Irmãos Brancos, o racismo existe e existe o tempo todo. O racismo mata, dizima famílias e povos, extermina a história e a cultura de uma forma irreparável. O racismo é o ponto-cruz dessa venda, porque é a partir disso que a venda é costurada. A imposição da supremacia branca na sociedade é a linha base que avança do centro às margens da venda, unindo todos os retalhos. A doutrinação unilateral na educação é um retalho importante para manter as vendas no lugar. O controle sobre a história e a aculturação imposta aos negros sobre suas raízes formam retalhos para diminuir a força desse povo, onde quer que estejam. A demonização de suas religiões, tão ricas e antigas, é a forma de montar sua fé e convertê-los às ideias dos brancos. A falta de acesso à dignidade, saúde e educação é o retalho final que impede aos negros o acesso às ferramentas que lhes dão voz para lutar.

Então, Vendados Irmãos Brancos, eu os culpo por criar essa venda. Eu os culpo por terem sido inescrupulosos com todos, negros e brancos, por todo sofrimento que causaram. Eu os culpo pela negligência e pela crueldade. Eu também me culpo por não a ter notado antes, mas não basta notar a venda. Eu, como branco, tenho a obrigação de lembrá-los constantemente da existência dessa cruel venda branca até que possam retirá-la genuinamente e permanentemente. E até lá, vendados irmãos brancos, eu estarei lutando com meus irmãos negros para que essa venda nunca mais cubra meus olhos, tampouco daqueles que eu alcançar, pois como branco, eu tenho uma dívida muito grande e velha para saldar.

Com pesar, mas sem esmorecer, eu os convido, vendados irmãos brancos, a retirarem suas vendas e lutar por uma sociedade onde realmente haja respeito, igualdade e dignidade, para que não sejam mais vendados e possamos ser juntos irmãos negros, brancos e acima de tudo humanos.

Atenciosamente,

João Antonio Prado Gonçalves Raia de Oliveira.